

# A PRESENÇA DA IMAGINAÇÃO NA HERMENÊUTICA: UM ENCONTRO ENTRE IMMANUEL KANT E PAUL RICOEUR\*

## THE PRESENCE OF IMAGINATION IN HERMENEUTICS: A MEETING BETWEEN IMMANUEL KANT AND PAUL RICOEUR

JACI RENE COSTA GARCIA\*\*

### RESUMO

A presente investigação pretende realizar uma aproximação entre Kant e Ricoeur tendo como ponto de orientação o papel da imaginação nos dois filósofos, restando delimitada na Crítica da Faculdade de Julgar (KU) e na Metáfora Viva. Identifica-se que na terceira crítica a imaginação não se encontra estritamente a serviço do entendimento na realização das sínteses a priori, encontrando-se mais livre e exercendo uma função interpretativa e orientadora. Nessa perspectiva, a pesquisa propõe a aproximação com a função hermenêutica da imaginação em Ricoeur. A metáfora é um nó górdio na filosofia de Ricoeur, quando a imaginação lida com a diferença e a identidade no discurso figurado, abrindo uma pluralidade de interpretações importantes às compreensões do ser, ou seja, de um universo aberto de possibilidades. Assim posta à questão, rompe-se com a determinação do conceito e a subjetividade passa a ser plural, polifônica, desconhecendo uma causalidade tal que pudesse estabelecer univocidades. Tal abertura se encontra na metáfora viva de Ricoeur. De forma análoga, na terceira crítica a imaginação toma a frente do entendimento e entra num jogo com a sensibilidade sem a mediação conceitual, num momento em que a subjetividade parece não encontrar limites. Como recolocar nos trilhos a imaginação em Kant e em Ricoeur? Surge a necessidade da alteridade produtora de um espaço intersubjetivo, tornando-se uma instância acolhedora das produções e capaz de compreender as manifestações. A arte, produ-

### ABSTRACT

*The present research intends to make an approximation between Kant and Ricoeur having as a point of orientation the role of the imagination in the two philosophers, delimited in the Kritik der Urteilskraft (KU) and La métaphore vive. It is identified that in the third critique the imagination is not strictly used to understanding the accomplishment of the a priori syntheses, finding itself freer and exerting an interpretive and guiding function. In this perspective, the research proposes an approximation with the imagination as a hermeneutical function in Ricoeur. Metaphor is a Gordian knot in Ricoeur's philosophy, when imagination deals with difference and identity in figurative discourse, opening a plurality of important interpretations to the understandings of being, that is, of an open universe of possibilities. Thus posed to the question, it breaks with the determination of the concept and subjectivity becomes plural, polyphonic, unaware of such causality that could establish equivocality. This opening is found in Ricoeur's Living Metaphor. Analogously, in the third critique the imagination takes the front of the understanding and enters into a game with the sensibility without the conceptual mediation, in a moment in which the subjectivity seems to find no limits. How to put the imagination back on Kant and Ricoeur? There arises the need for the otherness producing an intersubjective space, becoming a welcoming instance of the productions and capable of understanding*

\* Pesquisa relacionada ao Pós-Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob a supervisão do Professor Dr. Luiz Rohden. Trabalho apresentado oralmente no V Congresso Ibero-americano sobre o Pensamento de Paul Ricoeur, realizado na UNISINOS no período de 06 a 08 de novembro de 2017.

\*\* Doutor em Direito na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Professor Adjunto da Universidade Franciscana – UFN. E-mail: garcia@garcias.com.br

zida a partir de uma imaginação livre, tem a capacidade de produzir sentimentos que falam de forma direta. A partilha dos sentimentos em face das produções da imaginação pode ser aferida em comunidade, a partir de uma razão comunitária (ou de um *sensus communis*) apta a gerar um locus privilegiado aos processos de compreensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kant. Ricoeur. Estética. Imaginação. Hermenêutica. Metáfora.

*the manifestations. The art, produced from a free imagination, has the capacity to produce feelings that speak directly. The sharing of feelings in the face of the productions of the imagination can be measured in community, from a community reason (or sensus communis) able to generate a privileged locus to the processes of understanding.*

**KEYWORDS:** Kant. Ricoeur. Aesthetics. Imagination. Hermeneutics. Metaphor.

## 1. INTRODUÇÃO

A pretensão é a de realizar uma aproximação entre Kant e Ricoeur a partir do papel da imaginação<sup>1</sup> nos dois filósofos, elegendo-se a obra *Metáfora Viva* e procurando mostrar como o projeto de Ricoeur pode ser lido à luz do pensamento kantiano presente na terceira crítica (KU). Inobstante a delimitação, há de se passar por outros textos dos filósofos no que for estritamente essencial.

A questão tematizada no presente artigo teve na origem uma recepção expressa de Ricoeur quando, em entrevista<sup>2</sup> concedida a Jean-Marie Brohm e Magali Uhl, procura explicar do ponto de vista da Crítica da Faculdade de Julgar, a tensão paradoxal entre o universal e o singular, evidenciando a proximidade do seu pensamento com a terceira crítica. Na referida entrevista Ricoeur irá identificar que nas reflexões sobre a estética, Kant<sup>3</sup> se afasta dos processos de subsunção próprio dos juízos determinantes, não analisando mais o caso sob a regra, tratando de outro tipo de universalidade que aposta numa comunicabilidade como uma modalidade do universal sem conceito. Na leitura de Ricoeur, o juízo estético kantiano propõe uma espécie de contágio no qual o que passa a ser comunicado é o jogo entre o entendimento e a imaginação, o compartilhamento de uma emoção que se caracteriza por um excesso de sentido, que não está na coisa e nem delimitada pelo conceito. Ricoeur está a nos dizer que há algo subvertendo a lógica determinante, pretensão que orienta a obra *Metáfora Viva* ao

1 Deve-se dizer que a imaginação também será objeto de tratamento por Ricoeur, com semelhante esforço, em *Ideologia e Utopia* e nas “Conferências sobre Imaginação”. O recorte do presente artigo é bem específico, como anunciado desde a introdução.

2 Sobre a questão, confira-se: “Kant, au début de la troisième Critique, oppose à l’Universel du jugement déterminant. Ce dernier pose la règle, et l’expérience y est subsumée: le cas est donc placé sous la règle. La situation inverse est en ce sens exceptionnelle et incroyablement déroutante. C’est celle du jugement esthétique; ici tous les jugements sont singuliers, mais directement singuliers, non pas par subsumption, mais par appréhension directe.” Arts, langage et herméneutique esthétique. Entrevista com Paul Ricoeur realizada por Jean-Marie Brohm e Magali Uhl, acesso em 10 de setembro de 2017, disponível em <http://www.philagora.net/philofac/ricoeur.php>

3 As citações das obras de Kant correspondem à forma recomendada pela Akademie-Ausgabe e adotada pela Sociedade Kant Brasileira.

considerar a metáfora como capaz de instaurar uma nova pertinência semântica com poder de redescrever a realidade.

A realidade que a metáfora pretende (re)descrever opera nos desvios e nas frestas de uma linguagem conotativa, possibilitando narrativas que nos permitem “ver como” a realidade é (uma atuação nos limites da razão). O tematizado por Ricoeur, especialmente na *Metáfora Viva*, apresenta um potencial epistemológico por visar um “dar conta” da realidade, funcionando a realidade como uma ideia reguladora na obra ricoeuriana (no mesmo sentido atribuído por Kant na estética).

A fim de tratar da metáfora, Ricoeur apresenta um problema a ser superado em grande medida pelo tratamento da retórica e a sua relação com a sofística e, para lançar luzes ao que enuncia, refere críticas de Platão endereçadas à retórica que acabaram atingindo a linguagem metafórica. Porém, parte de uma perspectiva positiva, evidenciada pelo trabalho de Aristóteles sobre o tema, chamando atenção ao fato de a metáfora pertencer aos domínios da retórica e da poética na filosofia aristotélica, recuperando certo descrédito filosófico experimentado nos discursos de Platão.

Ricoeur traz uma definição que colhe da poética<sup>4</sup> aristotélica, sendo que as considerações de Ricoeur recuperam a inversão lógica proposta pela metáfora, o pedido de empréstimo ao substituir um nome por outro e os desvios, revelando um potencial transgressor e heurístico na linguagem metafórica. Embora relevante, não será objeto da investigação a relação com Aristóteles, servindo a passagem para demonstrar a preocupação de origem presente em Ricoeur, onde a imaginação<sup>5</sup> ultrapassa o conceito em busca da construção de novos sentidos. Insiste-se, então, que interessa à pesquisa demonstrar que no limite da sua teoria da metáfora, Ricoeur encontra Kant e se apropria de fundamentos presentes na estética do filósofo de Königsberg.

Partindo dessas premissas, prospecta-se o trabalho em três momentos: [i] primeiros indicativos de uma proximidade entre Kant e Ricoeur; [ii] percurso da imaginação na filosofia kantiana: uma imaginação produtora e uma comunicação possível na terceira crítica; [iii] a imaginação em Ricoeur: a produção de narrativa e imagem e de imagem-narrativa, surgindo a metáfora viva como uma derivação esquemática privilegiada, algo como um esquema/símbolo derivado do esquema/língua com potencial narrativo e temporalmente vivo.

---

4 Segundo Ricoeur, para Aristóteles “a metáfora é a transferência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero de outra, ou por analogia” (MV, p. 20).

5 Escolhe-se a imaginação poética da *Metáfora Viva* para realizar a aproximação entre Kant e Ricoeur, porém não se desconhece que é apenas uma das “imaginações” que podem ser encontradas em Ricoeur. Como exemplo, seis tratamentos da imaginação podem ser referidos: volitiva, social, transcendental, psicanalítica, hermenêutica e criadora. (CASTRO, 2002)

## 2. A PROXIMIDADE ENTRE KANT E RICOEUR

Desde a primeira crítica kantiana já se tem uma tensão entre as faculdades da razão, estando a imaginação operando ao lado das faculdades do entendimento e da sensibilidade, sendo explorado por Ricoeur esses momentos da faculdade humana e considerando, ao longo do seu extenso trabalho, os limites epistemológicos identificados pela filosofia kantiana e as questões ontológicas visadas pelo filósofo, em especial aquelas que irão sobressair no juízo estético. Na estética kantiana a filosofia crítica inexoravelmente se enraíza no ser<sup>6</sup>, ao ter que lidar com uma singularidade própria ao juízo estético<sup>7</sup>.

Por imperativo de consciência, há que se advertir que as aproximações entre Kant e Ricoeur são recorrentes nos estudos sobre o filósofo francês, sendo o alcance ontológico do criticismo kantiano expressamente reconhecido por Ricoeur, numa espécie de jogo (*spiel*) da razão, quando aponta que “[...] O enraizamento do saber dos fenômenos no pensamento do ser, inconvertível em saber, dá à Crítica kantiana a sua dimensão propriamente ontológica. Destruir esta tensão entre o conhecer e o pensar, entre o fenômeno e o ser, é destruir o próprio kantismo.” (RICOEUR, 1986, p. 237)

Na interpretação de Henriques, a tensão que é identificadora do pensar de Ricoeur é uma herança da tradição crítica kantiana, especialmente a tensão entre o representacional e a coisa em si, que ganham um capítulo “hermenêutico” na terceira crítica,

[...] a sua prática filosófica se desenvolve no interior do confronto dilemático entre uma realidade em si inatingível, pela dimensão excessiva da sua dinâmica significativa, mas que é sempre injunção interpeladora, e uma razão limitada no seu poder unificador que, todavia, não desiste de procurar a unidade discursiva possível. (HENRIQUES, 2005, p. 596)

Henriques situa o pensamento de Ricoeur nos limites explorados pela crítica kantiana, *locus* privilegiado que tensiona o conhecimento como representação (fenômeno) e como fruto de uma vivência, de um sentimento de vida que é explorado pelo juízo estético e que aproxima fenômeno e nûmeno (permitindo pensar uma hermenêutica desde Kant).

---

6 Necessário referir que o Professor Miguel Reale ao tratar sobre a filosofia transcendental kantiana a compreendia como ontognoseologia, sem descuidar da distinção elaborada por Kant entre *noumenon* e *phenoumenon*. Na perspectiva de Reale, a ontognoseologia “culmina numa correlação dinâmica entre sujeito e objeto, como fatores que se exigem reciprocamente segundo um processo dialético de complementaridade” (Reale, 2009, p. 30). Aqui, a abordagem ontognoseológica de Reale, interceptaria o presente trabalho. Pretendo voltar ao ponto em trabalho futuro, investigando o papel da imaginação na (re)fundação da relação sujeito/objeto na concepção ontognoseológica de Reale.

7 Tanto na antropologia quanto na estética o campo pragmático (extralinguístico) passa a ter uma maior relevância e a abordagem do homem inserido num contexto se acentua na filosofia kantiana.

Nesse sentido, o que a pesquisa irá evidenciar são as aproximações de Ricoeur com a estética kantiana trazendo uma pequena contribuição (em via dupla): [i] o reconhecimento da força hermenêutica das reflexões kantianas e [ii] uma relação de complementariedade entre epistemologia e ontologia<sup>8</sup>, numa tensão continuamente produtora do conhecimento humano possível (dito de outra forma: o reconhecimento de que a hermenêutica desenvolvida por Ricoeur já se encontra nos limites da razão kantiana).

Como já anunciado, ao trabalho interessa a relação de Ricoeur com a terceira crítica, a fim de situar a hermenêutica para um além das interpretações racionalizantes, trazendo à tona modalidades de diferentes discursos hermeneuticamente recuperados, uma espécie de “discurso misto que, como tal, não pode deixar de sofrer a atração de duas exigências rivais” (RICOEUR, p. 458), a saber, a do modo conceitual e a do modo metafórico. Ao refundar a hermenêutica a partir da estética, amplia a capacidade humana de compreensão do mundo e, paradoxalmente, opera nos limites da linguagem, da razão e do ser.

A toda evidência Ricoeur entende que a imaginação recobre o conjunto da obra kantiana, porém irá identificar o papel hermenêutico da imaginação na terceira crítica, pois ao tratar da imaginação na primeira crítica irá dizer que “[...] a imaginação ainda não é reconhecida como tal, na medida em que é uma fase da objetivação, um grau da síntese cognitiva. Além disso, a sua produtividade permanece subordinada ao reino do intelecto: a síntese figurativa é regulada pela síntese intelectual.” (RICOEUR, 2013, p. 21) Voltando-se para a terceira crítica, afirma que “[...] a verdadeira abertura é aquela da terceira Crítica. Colocando a teoria da imaginação no âmbito de uma estética e não mais de uma gnosiologia.” (RICOEUR, 2013, p. 22)

O novo papel da imaginação na terceira crítica é o que envolve a ideia de um esquematismo sem um conceito para sintetizar. Nessa senda, a reflexão estética se diferencia do movimento das faculdades na primeira crítica, pois uma “esquematisação sem conceito” intruz um novo tipo de juízo (a saber: o reflexionante – inerente aos processos estéticos). Como regra desse novo “esquematisar” permite que se compreenda que as faculdades no livre jogo – ao avaliar a beleza no juízo do gosto<sup>9</sup>, pelo sentimento de prazer que é mobilizado – tem por

---

8 Recordar-se, novamente, a concepção ontogenoseológica desenvolvida pelo jusfilósofo Miguel Reale. O pensamento de Reale antecipa uma correlação já inferível desde a estética kantiana e compartilhada por Ricoeur. Registra-se, uma vez mais, a necessidade de em trabalho futuro investigar a proposta de Reale na linha kantiana da terceira crítica, uma vez que se configura num repensar da condição hermenêutica do objeto – preocupação constante dos estudos do articulista.

9 Sobre o juízo do gosto e sua relação com a qualidade estética do objeto, cita-se fragmento esclarecedor: “A estética kantiana, tal como a encontramos na primeira parte da Crítica da faculdade de julgar, é uma teoria do juízo-de-gosto. Um juízo-de-gosto é, para Kant, um juízo sobre a beleza de um objeto. E, para evitar alguns mal-entendidos que poderiam advir do uso comum das palavras “belo” e “beleza”, pode-se dizer que um juízo-de-gosto é um juízo sobre a qua-

resultado um conhecimento objetivo. Por gozar de transcendentalidade, produz resultados com potencial de comunicação intersubjetiva, sendo a avaliação da beleza um princípio intersubjetivo garantido por um sentimento comum. Embora Kant trate de um “juízo meramente subjetivo do objeto” (KU, §9), trata-se de uma atividade racional que pode ser validade por uma racionalidade comum (intersubjetividade).

Ricoeur, na *Metáfora Viva* (p. 458/459), vincula-se expressamente ao pensamento kantiano, ao referir sobre a impossibilidade de o conceito determinar o juízo estético, trazendo a importância do princípio vivificante do espírito (Geist) em Kant, onde a imaginação exerce um papel de apresentar uma ideia compelindo o pensamento conceitual a “pensar mais”, convertendo-se a imaginação, com esse nível de exigência, numa instância criadora. Assume Ricoeur que a metáfora é viva num sentido kantiano de inscrever a imaginação como uma faculdade que mobiliza o conceito (não estando mais determinada pelo conceito), como ocorre na estética (de determinante, o juízo passa a reflexionante).

Na mesma linha, acerca do juízo do gosto e do seu caráter retrospectivo, Ricoeur insiste na relação com Kant quando afirma o seu interesse pela estética, a partir da metáfora ou do narrativo, sob a égide da inovação semântica. Para ele a metáfora é a capacidade para produzir um sentido novo, que somente será possível na “linha de fratura dos campos semânticos”. Pode-se dizer que a metáfora traz um desocultar que depois de mostrado não mais se esconde.

A centralidade da imaginação na *Metáfora Viva* pode ser sintetizada na expressão de Taylor ao tratar da imaginação (imaginação que também será objeto das palestras proferidas por Ricoeur na Universidade de Chicago em 1975), quando diz que a imaginação é central para Ricoeur naquele momento, apontando que a imaginação<sup>10</sup> “está no coração do seu pensamento” (TAYLOR, 2006).

Sobre a temporalidade específica da obra de arte, Ricoeur irá identificar que é algo não explorado pela filosofia kantiana, embora sendo um marco da hermenêutica contemporânea. Porém, chama a atenção para o fato da existência de algo importante na crítica kantiana da obra de arte que retoma a temporalidade numa outra perspectiva, ou seja, identifica que<sup>11</sup> “a obra de arte escapa à história da sua criação e é esta temporalidade de segundo grau que constitui a

---

lidade estética de um objeto. O juízo-de-gosto representa, como diz Kant no §8, “algo digno de nota (...) para o filósofo transcendental” (B 21). Por que? Ora, porque reivindicamos uma universalidade para todos os nossos juízos-de-gosto, apesar de serem meramente “estéticos”, ou seja, de não serem determinados por um conceito do objeto, mas sim por um sentimento de prazer ou desprazer inteiramente desprovido de interesse.” (FRICKE, 2001, p. 6)

10 Imagination lies at the heart of his thinking at this time (TAYLOR, 2006).

11 [...]l'œuvre d'art échappe à l'histoire de sa constitution et c'est cette temporalité de deuxième degré qui constitue la temporalité de la communicabilité. Entrevista com Paul Ricoeur realizada por Jean-Marie Brohm e Magali Uhl, acesso em 10 de setembro de 2017, disponível em <http://www.philagora.net/philo-fac/ricoeur.php>

temporalidade da comunicabilidade”. Tem-se, então, uma abertura de sentidos a um receptor de um tempo futuro, recorrendo Ricoeur ao conceito de comunicabilidade trans-histórica presente na estética kantiana, uma espécie de transcendência temporal da obra de arte que, ao lado do potencial de comunicabilidade, apresenta-se como o equivalente racional da objetividade.

Aqui, vale dizer que persiste uma tensão quando a obra desafia a história e a própria finitude do ser, permanecendo como instância produtora de sentidos num tempo que o ser que a instituiu já não se encontra presente. Essa possibilidade de a arte continuar a nos interpelar – que já se encontra em Kant – funda um questionamento que a hermenêutica continua a explorar, naquilo que Ricoeur sublinha como herança kantiana, qual seja<sup>12</sup>: “a reconquista do trans-histórico sobre a história constitui o benefício pós-kantiano de um retorno à estética kantiana”.

De modo geral, a vinculação com o idealismo alemão, principalmente Kant e Hegel, também pode ser observado na passagem de *Le conflit des interprétations*, quando Paul Ricoeur afirma<sup>13</sup>:

Em nós, algo de Hegel venceu algo de Kant, mas algo de Kant venceu Hegel, porque somos tão radicalmente pós-hegelianos como somos pós-kantianos. Do meu ponto de vista, é esta permuta e esta troca recíproca que estruturam ainda o discurso filosófico hoje. É por isso que a tarefa consiste em pensá-los sempre melhor, pensando-os em conjunto, um contra o outro e um pelo outro. (RICOEUR, 1969, p. 403)

Forte nas indicações do próprio Ricoeur, o ponto seguinte da pesquisa será o de identificar esses aspectos da hermenêutica na terceira crítica kantiana, ou seja, o momento pós-kantiano presente em Ricoeur, especialmente: [i] a função da imaginação e a [ii] comunicabilidade para, ao final, [iii] identificar a substancialidade dos pontos de encontro entre os dois filósofos.

### 3. O PAPEL DA IMAGINAÇÃO NA METÁFORA VIVA E NA ESTÉTICA

Com uma citação que se encontra ao final da Metáfora Viva, Ricoeur estabelece um vínculo com pensamento kantiano da terceira crítica, ao tratar do Geist e do Gemüt, questões centrais na estética kantiana. Irá dizer que em Kant a “metáfora da vida” se impõe, dado que o jogo estabelecido entre o entendimento e a imaginação recebe uma tarefa da razão que escapa às possibilidades do conceito. Irá dizer Ricoeur que “essa apresentação da ideia pela imaginação

12 C'est ainsi que la reconquête du transhistorique sur l'historique constitue le bénéfice post-kantien d'un retour à l'esthétique kantienne. Entrevista com Paul Ricoeur realizada por Jean-Marie Brohm e Magali Uhl, acesso em 10 de setembro de 2017, disponível em <http://www.philagora.net/philofac/ricoeur.php>

13 Consultou-se a obra fancesa e utilizou-se para conferência a tradução de Henriques (2005), inobstante a passagem não oferecesse controvérsia quanto à tradução.

que compele o pensamento conceitual a pensar mais” (RICOEUR, 1983, p. 458), com isso, encerra afirmando que “a imaginação criadora não é mais do que essa exigência dirigida ao pensamento conceitual”. (RICOEUR, 1983, p. 458)

Em nova passagem Ricoeur irá esclarecer o conceito de *metáfora viva* novamente com uma adesão ao pensamento kantiano da terceira crítica, especificamente retomando o §49 da KU, assinalando que “a metáfora não é viva apenas pelo fato de vivificar uma linguagem constituída. A metáfora é viva pelo fato de inscrever o impulso da imaginação num ‘pensar mais’ ao nível do conceito” (RICOEUR, 1983, p. 459), concluindo que essa dinâmica do pensar mais - conduzida pelo “princípio vivificante” - constitui a alma da interpretação. As considerações de Ricoeur são significativas e induzem a rastrear o princípio vivificante na terceira crítica.

Antes de demonstrar a presença do *Gemüt* como possibilidade unificadora, há de se percorrer brevemente a definição colhida no trato da expressão laborado por Rohden, V. (KU, rodapé 20), apontando que o próprio Kant escolhe *Gemüt* preferencialmente ao termo *Seele* (anima) pela sua neutralidade face ao sentido metafísico que o último remete. Os termos latinos *animos* e *mens* seriam termos equivalentes, mas Rohden, V<sup>14</sup>. inclina-se a traduzir por ânimo, trazendo a possibilidade de unir Geist (gênio) ao Müt que também carrega o sentido estético de vida.

Sobre a expressão<sup>15</sup>, encontra-se uma relação do juízo reflexionante com o Geist na Antropologia (Anth, § 67, 241), afirmando o filósofo que o juízo do gosto é tanto um juízo estético quanto um juízo do entendimento, devendo ser pensado no vínculo entre ambos. Com isso, o juízo reflexionante modera e limita o momento de vivificação do Geist<sup>16</sup>, uma vez que no juízo reflexionante o jogo livre da imaginação não deve colidir com as regras do entendimento. O que se colhe na Antropologia vem ao encontro da unidade sintetizadora do *Gemüt*, ou seja, a vivificação é compreendida pelo juízo reflexionante (unidade das faculdades em jogo num arranjo típico da ordem do ser - transcendentalidade ontológica).

Ingressando na primeira crítica (KrV), é possível extrair uma nova citação em que Kant propõe uma analogia do conhecimento a uma árvore, dizendo que “há dois troncos do conhecimento humano, porventura oriundos de uma raiz comum, mas para nós desconhecida, que são a sensibilidade e o entendimento” (KrV, B 29), em que a expressão “raiz comum” contém a ideia de unidade de uma totalidade das faculdades (*Ge-Müt*).

14 Na seqüência de seu estudo filológico do termo, Rohden, V. (KU) diz que o termo “muot” (antigo alto alemão – ahd) significou a faculdade do pensar, querer e sentir e o prefixo “ge” funciona como partícula integradora que remete às partes de um todo, inferindo que *Gemüt* tenha esse sentido originário de totalidade das faculdades.

15 Foi fundamental o estudo criterioso levado a termo por de Valerio Rohden denominado “A função transcendental do *Gemüt* na Crítica da razão pura”. (ROHDEN, V., 2009).

16 Definido por Kant como “o princípio vivificador no ser humano”. (Anth, § 57).

Também na Antropologia Kant vai tratar da afinidade entre as faculdades remetendo a uma ação recíproca entre elas e considerando que, embora heterogêneas, “entendimento e sensibilidade se irmanam por si mesmos para a realização de nosso conhecimento, como se um tivesse origem no outro, ou ambos em um tronco comum”. (Anth, § 31, p. 177).

As duas passagens remetem a uma ideia de unidade e de relação de reciprocidade entre as faculdades. Nesse contexto, para a faculdade de julgar reflexionante (estética, portanto), o *Gemüt*, como conceito unificador, assume importância fundamental por representar um todo vivido e não dado, a possibilidade de uma escolha de um modo universalmente válido, embora com a consciência de que a representação da experiência estética é referida ao sujeito em relação ao sentimento de vida<sup>17</sup> ou de prazer/desprazer.

O sentimento de prazer, análogo ao sentimento de vida, poderia estar desconectado do conhecimento, entretanto, em dois momentos, pode se notar a profunda afinidade<sup>18</sup>:

a) primeiro, na passagem que diz que já não sentimos prazer ao conhecermos a natureza e suas divisões a partir das suas leis particulares, embora entenda que esse prazer já existiu e foi gradualmente deixando de ser notado (KU, XL);

b) também na Antropologia, ao comparar a expressão sabor (*sapor*) com saber, diz que a primeira foi sendo elevada até passar a denominar a sabedoria (*sapientia*), inferindo que um fim incondicionalmente necessário surge imediatamente ao espírito como que pelo sabor, estando-se autorizado a partir de Kant a refletir sobre a relação original entre o saber e o sabor, não descuidando da orientação ontológica e epistemológica (Anth, § 67, p. 243).

Conill Sancho (2010, p. 24) acentua que entre as três faculdades existe “um nexos vital, uma unidade que brota do mundo da vida”, entendendo, a partir da análise da ideia de vida na terceira crítica, que o sentimento de vida proporciona uma nova perspectiva para interpretar as funções reflexionantes da imaginação, afirmando que a interpretação nessa perspectiva se faz hermenêutica, porque as partes de um todo<sup>19</sup> dado são usadas para enriquecer e especificar a nossa compreensão inicial. (CONILL SANCHO, 2010, p. 25-26).

Na edição francesa da terceira crítica, Mendonça (2007, p. 127-134) aponta que a forma de comunicação aberta pelos juízos reflexionantes na ter-

17 Sobre o sentimento de vida e a identidade deste com o sentimento de prazer próprio do juízo estético, a Reflexão 4857, datada de 1776-78 traz: “Unicamente prazer e desprazer constituem o absoluto, porque eles são a própria vida”.

18 Cita-se Kant: Entendo por afinidade a unificação que faz o diverso derivar de um fundamento (Anth, § 31, p. 177) [Ich verstehe unter der Verwandtschaft die Vereinigung aus der Abstammung des Mannigfaltigen von einem Grunde].

19 No plano epistemológico, a concepção de Conill Sancho evidencia o papel da imaginação a partir do sentimento de vida, algo que a estética proporciona e a MV de Ricoeur também identifica.

ceira crítica vincula tal crítica com as demais e reafirma o caráter sistemático do pensamento kantiano. Colhendo as constatações de Philonenko na edição francesa da Crítica da faculdade de julgar, irá dizer que a estética traz uma ideia de significação necessariamente ligada à ideia de comunicação, possíveis pela abertura que permite o encontro dos humanos. Conclui que é como lógica do sentido que a Crítica da faculdade de julgar pode se desenvolver como estética e teleologia, a primeira como a parte que contém a reflexão sobre a experiência da comunicação e a segunda como o encontro significativo do homem e do mundo. A teleologia esclarecerá o *status* da comunidade humana como comunidade de sentidos no mundo, cabendo à estética unir o universal e o particular, unificando intersubjetivamente o sistema kantiano e indo além do que ficou separado por toda tradição da metafísica<sup>20</sup> (Philonenko chama de “ligação horizontal” a comunicação estética que liga o universal e o particular pela intersubjetividade).

As conclusões de Mendonça são coerentes com a posição de Ricoeur, para quem na filosofia kantiana a “metáfora da vida” amplia a cognição, o que se evidencia num jogo entre as faculdades, estando a imaginação no exercício reflexionante da exigência de um “pensar mais”, estando o sujeito mais livre e permitindo que a imaginação organize a experiência num contexto interpretativo mais amplo<sup>21</sup>, papel este essencial à Metáfora Viva e que já seria objeto das reflexões kantianas presentes na Crítica da Faculdade de Julgar.

Para François Dosse<sup>22</sup>, a tensão própria da metáfora vem expressa no posicionamento transgressor em relação ao conceito, assumindo que em Ricoeur a metáfora desfaz “uma ordem estabelecida para, a partir dela, reconstruir outra e, longe de ser confinada a uma figura de estilo, ela abre caminho de maneira inovadora a um novo mundo”. (DOSSE, 2017, p. 121) Por óbvio que o novo caminho necessita de compartilhamento e de uma condição de comunicabilidade, preocupações igualmente presentes na terceira crítica.

#### 4 COMUNICABILIDADE NA ESTÉTICA KANTIANA

Na tradição kantiana, a perspectiva da comunicabilidade ingressa fortemente a partir da concepção de *sensus communis* na terceira crítica, induzida pela questão de como o que é produzido pelo reflexionamento - que não é submetido rigidamente ao conceito - pode ser intersubjetivamente validado. Parece que a preocupação estética guarda profunda semelhança com o problema acerca da racionalidade hermenêutica, isto é, visa uma reflexão sobre a possibilidade e os

20 A ligação horizontal que a estética permite irá se concretizar na concepção de “contágio” em Ricoeur - possível pelo excesso de sentido que a metáfora produz.

21 Quando abordo a filosofia kantiana na perspectiva de terceira crítica, também é válido dizer que sujeito e objeto se encontram num jogo de aproximação entre a representação e o representado - até então não experimentado.

22 O trabalho de François Dosse referido pela pesquisa constitui uma análise importante e permite uma compreensão do conjunto da obra de Paul Ricoeur.

limites da compreensão, questões sempre presentes nas investigações de Ricoeur.

Nessa mesma linha, sobre os problemas decorrentes de uma imaginação fora dos trilhos do conceito, vale referir a passagem onde Ricoeur, interpretando Kant, irá apontar os novos parâmetros da imaginação no âmbito do juízo do gosto, agora não determinada pelo conceito, nas palavras

O juízo de gosto escapa, por um lado, ao problema do conceito, na medida em que o problema já não é o da objetividade, mas a produção de um prazer, que, aliás, é específico, porque desinteressado. À imaginação resta definitivamente uma função de reunião, de composição do diverso; e a ela cabe também a relação com o intelecto, pelo fato de que a coisa apresenta uma estrutura, uma ordem, uma finalidade interna (relação todo-parte). Mas o seu destino não é mais o de esquematizar conceitos pelo valor objetivante; a ideia-chave é a de um jogo livre das faculdades, em que a imaginação e o intelecto suscitem-se mutuamente. Jogando, a imaginação produz uma ordem; ela produz formas através de uma legalidade. A ideia realmente brilhante é aquela de um jogo livre e, no entanto, sensato: a ideia de um esquematismo sem conceito. (RICOEUR, 2013, p. 22)

A retomada de uma orientação da imaginação concentra-se nas ideias reguladoras, das quais o *sensus communis* kantiano participa. Para Kant, o *sensus communis* não é um conhecimento derivado do conceito e imposto pelo sujeito, consubstanciando-se num lugar - transcendentalmente desenhado - que permite que se pense numa forma compartilhada de vida em comunidade por meio da capacidade de expandir o conhecimento a partir da reflexão.

Cita-se Kant:

Em todos os juízos pelos quais declaramos algo belo, não permitimos a ninguém ser de outra opinião sem com isso fundarmos o nosso juízo sobre conceitos, mas somente sobre o nosso sentimento: o qual, pois colocamos no fundamento não como sentimento privado mas como um sentimento comunitário (*gemeinschaftliches*). (KU, §22)

Na KU (§§ 39 e 40) Kant irá tratar de uma questão de suma importância para que a hermenêutica que ora se postula possa assumir uma condição de ultrapassar a subjetividade e ingressar no campo do compartilhamento, qual seja: a possibilidade de comunicar<sup>23</sup> uma sensação e a pressuposição de um *sensus communis*.

---

23 Kant apresenta as máximas que regem o *sensus communis* como uma espécie de entendimento humano comum, que pode ser a condição de uma intersubjetividade possível, consubstanciado no “1. pensar por si, 2. pensar no lugar de todo o outro e 3. pensar sempre de acordo consigo próprio” (KU, §40). Makkreel irá dizer a partir de Kant (KU, §40, p. 160) que a primeira é a máxima do entendimento e a terceira da razão, sendo que a segunda interessaria ao julgamento, comparando a nossa capacidade de julgar com a ideia de uma “razão coletiva da humanidade” (MAKKREEL, 1990, p. 159-160), insistindo que, ao julgar, a reflexão deva atingir um ponto de vista universal que somente é possível quando se está disposto a realizar a transposição do nosso ponto de vista para o ponto de vista dos outros, sem perder de vista a autonomia (pensar por si) e a responsabilidade do pensar consequente (pensar sempre de acordo consigo próprio).

Defende a possibilidade de comunicação entre sujeitos de uma sensação não reduzível a um conceito, ou seja, o prazer do belo é um prazer da reflexão inerente a um procedimento da faculdade do juízo que - partindo da apreensão pela intuição - eleva o intuído pelo reflexionamento (imaginação), entendendo Kant que este prazer necessariamente tem que assentar sobre as mesmas condições da possibilidade de um conhecimento em geral, em situação análoga ao que ocorre com as sínteses do entendimento puro (KU, AA § 39). Ainda, defende a necessidade de tal comunicação universal como a necessidade do próprio alargamento do conhecimento, afirmando que “[...] sem esta condição subjetiva do conhecer, o conhecimento como efeito não poderia surgir.” (KU, AA § 21, p. 66).

Nessa linha, é a reflexão estética que permite que a faculdade da sensibilidade (sentimento) se eleve a uma condição de compartilhamento, apontando que “[...] este sentido comum não pode para este fim ser fundado sobre a experiência [...] Esta norma indeterminada de um sentido comum é efectivamente pressuposta por nós, o que prova a nossa presunção de proferir juízos de gosto.” (KU, § 22).

Para o juízo estético e a maneira como se reage a objetos com apelo estético, bem como para a universalidade subjetiva da experiência estética, a concepção do *sensus communis* é necessária<sup>24</sup>, embora seja empiricamente indemonstrável.

Com isso, Kant irá defender que, mesmo não sendo objetivo, carrega a necessidade de assentimento de todos a um juízo: o *sensus communis* é precisamente essa ideia. Como traz Kant na terceira crítica, o *sensus communis* há que ser entendido num sentido comunitário, de uma reflexão que considera *a priori* o modo de representação de todo “outro”, num processo de uma possível identidade entre os juízos garantidos pela concepção do *sensus communis*. Com isso garante uma universalidade (que não é essencialmente lógica, mas estética) compatível com o princípio de conformidade a fins<sup>25</sup>, recordando que esse é um princípio formal que garante o estatuto transcendental da terceira crítica, permitindo um ajuste do juízo do gosto a uma espécie de finalidade. Dito de outra forma, arrastaria a complacência de um “eu” diante do sentimento do belo para o “nós”, justificando o dever da comunidade de julgar da mesma forma pelo “reino dos fins” do princípio e pela ideia de um sentir compartilhável. Envolto por tais condições é que o juízo reflexionante pode ser exercido e terá reflexos no pensamento de Ricoeur.

---

24 Para demonstrar que a modalidade lógica da necessidade (apodítico) não pode dar conta do juízo do gosto, vale citar novamente Kant quando afirma “[...] que um juízo estético não é nenhum juízo objectivo e de conhecimento, esta necessidade não pode ser deduzida de conceitos determinados e não é pois apodítica. Muito menos pode ela ser inferida da universalidade da experiência (de uma unanimidade universal dos juízos sobre a beleza de um certo objecto). (KU, §18).

25 Trata-se de um princípio regulativo inaugurado na terceira crítica e que nasce justamente para fornecer alguma orientação para uma imaginação mais livre (que já não se encontra nos limites do conceito).

Infere-se que o juízo do gosto é singular e se universaliza pelo sentido comunitário que alcança<sup>26</sup>, diferentemente de um juízo do entendimento mediado por conceitos que pode alcançar a universalidade a partir de uma subsunção categorial (modalidade e quantidade) descrita logicamente. Para deixar mais claro, os juízos determinantes estariam em jogo demonstrando que um determinado conceito é universal (quantidade) e necessário (modalidade), convertendo-se, sempre que possível, num conhecimento que exige aceitação *a priori* de todo ser racional.

Essa exigência epistêmica o juízo reflexionante não entrega, apenas podendo encontrar a necessidade e a universalidade na perspectiva da estética e da teleologia da terceira crítica. Tais questões são correlatas a uma concepção de metáfora em Ricoeur, pois a metáfora se distancia do conceito análogo para refundar sentidos ainda não percebidos, mas que podem contaminar pelo fascínio e pelo excesso de sentido que produzem.

Nas palavras de Ricoeur,

Se o prazer estético é “objetivo”, ele o é na medida em que o jogo das faculdades, bem como o prazer que este jogo produz, são essencialmente comunicáveis. É apenas esta comunicabilidade - esse “senso comum” - que possibilita uma crítica. Essa interiorização se exprime na doutrina do juízo reflexivo. Nenhuma outra determinação ulterior da coisa tem lugar na estética. É o prazer do jogo livre das faculdades que se eleva, enquanto tal, ao universal. (RICOEUR, 2013, p. 22)

Interpretando Kant, Ricoeur afirma que a universalidade do juízo estético está no sentimento de prazer passível de ser compartilhado e, assim, universalizado, escapando, dessa forma, de qualquer juízo de determinação. Constata, então, desde a terceira crítica, que com jogo livre as faculdades passam a experimentar uma liberdade que requer o compartilhamento, como condição de objetividade possível.

A noção de *sensus communis* passa também pela ideia de um espaço comum que atrai o outro, como sentidos que necessitam de um reverberar comunitário. Nesse sentido, Hannah Arendt traz uma contribuição importante do juízo kantiano para o espaço público, quando diz

No *sensus communis* devemos incluir a ideia de um sentido comum a todos, isto é, de uma faculdade do juízo que, em sua reflexão, leva em conta (*a priori*) o modo de representação de todos os outros homens em pensamento, para, de certo modo, comparar seu juízo com a razão coletiva da humanidade [...]. (ARENDE, 2000, p. 379).

Como a imaginação se encontra mais livre sem o contingenciamento conceitual, Arendt irá dizer que tal “[...] pensar alargado propicia a comunicabilidade, a liberdade criativa e o não conformar-se com os outros, sendo possibilitador de

---

26 “[...] a universalidade do juízo de gosto não resulta de conceitos, mas de um prazer universal”. (KU, §6°).

uma racionalidade intersubjetiva onde o estar com os outros seja a garantia da realidade.” (ARENDETT, 2000, p. 379). Tal pensamento, alinha-se com o que se encontra na metáfora de Ricoeur<sup>27</sup>, isto é, a pressuposição da presença e de uma comunidade em diálogo, pois a força da imaginação abre um espaço à alteridade ampliando o processo relacional.

Importante a nota registrada por Conill Sancho (2010, p. 70) ao recordar que Kant (KU, §40) estabelece a diferença entre sentido comum como entendimento comum humano e o sentido comum como *sensus communis*, referindo ao caráter compartilhado e social do segundo, capaz da universalidade dos juízos. Daí concluir que o *sensus communis* é capaz de permitir uma orientação que vai desde a tradição até uma abertura a um horizonte, até mesmo contra a tradição, onde entram em jogo abertura e negatividade. Nesse mesmo sentido é o trato do senso comum como orientação transcendental em hermenêutica por Makkreel (1994, p. 154-171), atribuindo um lugar importante à sensibilidade e à imaginação compartilhadas. Nessa perspectiva é que se pensa a relação da comunicabilidade da metáfora de Ricoeur com a concepção kantiana, pois a sensibilidade e a imaginação compartilhadas estão abertas a múltiplos sentidos, inclusive aos que não podem ser pensados pelos conceitos. Com isso, o distanciamento e a ruptura inerentes à metáfora estão ligados ao compartilhamento, numa clara herança do *sensus communis* kantiano.

Com isso, pode-se dizer que a faculdade da imaginação permite o pensar alargado e contribui para a percepção de um mundo construído conjuntamente, onde o *sensus communis* funciona como uma espécie de polo de captura de sentido num mundo compartilhado.

No plano filosófico, o *sensus communis* garante a universalidade de um julgamento que é singular<sup>28</sup>: em face do sentimento de prazer que surge da minha relação com um objeto, todos devem sentir de forma análoga ao que sinto. Percebe-se, então, que há uma correlação entre dever e sentir na estética semelhante à correlação entre dever e querer na ética. Ainda, se considero que o móbil da ação por dever é um sentimento, poder-se-ia defender uma unidade entre

---

27 Percebe-se o interesse de Ricoeur pelo jogo desinteressado em que imaginação e entendimento se retroalimentam, forte na ideia de um esquematismo dado por princípios regulativos produtores de uma ordem que reorganiza incessantemente a imaginação e o conceito.

28 A partir do *sensus communis* na terceira crítica, abre-se um espaço para que se possa pensar num campo pragmático transcendental, considerando a autonomia, a abertura ao diálogo e a responsabilidade, questões que possuem uma clara “função de orientação” pragmática, de compartilhamento de sentidos, permitindo que a construção a partir do juízo reflexionante encontre uma possibilidade de universalização. (MAKKREEL, 1990, p. 164). Permite-se, então, concluir que com o *sensus communis* há uma abertura de espaço para que a racionalidade hermenêutica se instaure [i] sem a dominação do conceito e [ii] a partir do reflexionamento e sua exteriorização como linguagem. Tal questão que aparece na terceira crítica é perfeitamente coerente com a perspectiva hermenêutica de Ricoeur, que une o sentimento de vida e o *sensus communis* como condição de uma compreensão orientada pela metáfora.

sentir, querer e dever, justificando a unidade do próprio edifício transcendental kantiano (a árvore kantiana do conhecimento).

O *sensus communis* alimenta idealmente a possibilidade de um concerto de vozes, ao mesmo tempo em que, pragmaticamente, não desconhece o dissenso e, até mesmo, por demonstrar à exaustão que a comunicabilidade do sentimento não pode ser solvida logicamente, é uma aposta, uma esperança na humanidade, algo presente em cada um que apela incondicionalmente à comunidade (aos outros), ao entendimento, a uma linguagem com potencial de interpretação da vida que corresponde ao estilo hermenêutico.

A ideia de Ricoeur envolve o jogo incessante que visa não permitir a destruição do metafórico pelas interpretações racionalizantes, buscando nas descrições kantianas o processo produtivo inerente ao jogo das faculdades. O processo criativo está vinculado a maior liberdade da imaginação sob a égide de princípios regulativos, constituído o potencial humano da criação. A criatividade pode ser entendida como o Geist kantiano. Ricoeur, de uma só vez, acolhe o papel da imaginação no plano da primeira (pela doutrina do esquematismo), também concorda com o uso da faculdade da imaginação nas formulações estéticas (a poesia, como exemplo).

Numa analogia com as duas críticas e seus produtos encontrados na filosofia de Ricoeur, identifica-se que a interpretação é uma modalidade de discurso que está entre a esfera do metafórico e do especulativo (coerente com a árvore kantiana), ou seja, “por um lado ela quer a clareza do conceito – por outro, procura preservar o dinamismo da significação que o conceito detém e fixa” (RICOEUR, 1983, p. 458).

Com as aproximações, há de se concordar quando Henriques (2005) afirma que Kant desempenha “um papel, absolutamente, fundador nessa textualidade, corporizada como uma marcha de acesso ao ser da realidade que, embora mantendo-se, em si mesmo, inatingível, se constitui, contudo, como a fonte alimentadora do pensar, à maneira de uma ideia reguladora kantiana.” (HENRIQUES, 2005, p. 595)

## 5. CONCLUSÃO

A dimensão da proposta estética intruz conceitos que a hermenêutica irá encontrar (*sensus communis*, *Geist*), permitindo que se aposte, de forma incondicional, na capacidade produtora da imaginação e na construção intersubjetiva a partir da comunicação e da linguagem. Tais questões aproximam Ricoeur de Kant.

A hermenêutica em Ricoeur situa-se nos limites entre a epistemologia e a ontologia, análoga as perspectivas da estética kantiana e das formulações presentes no jogo das faculdades quando, ultrapassando o conceito, a imaginação tensiona o conceito, alarga as possibilidades expressivas e, ao mesmo tempo, necessita de uma regulação que permita uma forma de comunicação (andando nos limites da

razão). A proposta da Metáfora Viva segue os rastros da proposta kantiana, esta que encontra na ideia reguladora do *sensus communis* a expressão da necessidade de compartilhamento, o escape de uma verticalidade conceitual para o encontro de uma horizontalidade comunicacional como condição de compreensão.

A derivação da metáfora da poética rompe com as narrativas normalizadas conceitualmente, enriquecendo o processo de construção de sentidos e se aproximando da vida, da coisa em si. Algo muito semelhante acontece na estética kantiana, quando a representação conceitual não dá conta da númeno e este evoca e impulsiona a imaginação que mobiliza as demais faculdades da razão. Em Kant, trata-se de uma construção que induz esquematismos a partir da realidade e sem a intermediação conceitual. É o prazer e o sentimento de vida que são tematizados pela estética e, expressamente, Ricoeur reconhece nessa força viva a própria vida da metáfora.

Pontuam-se mais alguns aspectos evidenciados pela pesquisa:

- 1º) A metáfora construída a partir de um diálogo com Aristóteles é reconfigurada na relação proximal com a estética kantiana, encontrando na imaginação a força criadora que se distancia (e se aproxima) da linguagem especulativa a partir da construção de imagens das significações que incessantemente emergem;
- 2º) O enunciado metafórico é transgressor pois relaciona campos semânticos contraditórios, afastando-se Ricoeur de um esquematismo próprio da primeira crítica, para encontrar na estética uma imaginação produtora de sentidos e compatível com o desenvolvimento da Metáfora Viva, quando a imaginação medeia o heterogêneo a partir de uma síntese original e vivencial;
- 3º) Como em Ricoeur a linguagem contém um papel ontológico e a imaginação na síntese dos opostos permite a atribuição de novos sentidos (ver como), há uma suspensão do mundo da vida posto por uma linguagem de primeira ordem (conotativa), dando-se uma abertura que permite a inserção de novas perspectivas;
- 4º) A relação com Kant traz consequências: por exemplo, irá permitir que se nomine (ou se investigue) a filosofia de Ricoeur como uma hermenêutica crítica. Ao permitir a inserção da crítica no âmago da hermenêutica, a partir da metáfora, Ricoeur assume um vínculo com a terceira crítica e esta, inexoravelmente, projeta um tipo de razão que se pode chamar hermenêutica.

Como identificado pela pesquisa, Ricoeur se apropria da ideia de um jogo sem interesses que se encontra no juízo do gosto formulado por Kant na terceira crítica, recolocando a criatividade como uma capacidade da imaginação livre do contingenciamento conceitual, estando a imaginação na origem do jogo que, uma

vez compreendido como uma metodologia<sup>29</sup>, torna-se relevante para que se possa compreender a proposta hermenêutica ricoeuriana. Por fim, o papel criativo da imaginação na estética kantiana está diretamente ligado ao princípio vivificante que atribui uma centralidade à imaginação. Uma imaginação que agora está no coração da metáfora e orientada pela ideia de vida, permite que a metáfora produza comunicação e que seja capaz de comunicar intersubjetivamente (uma razão hermenêutica que se torna objetiva na intersubjetividade regulada por um *sensus communis*).

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- CASTRO, Maria Gabriela Azevedo. **Imaginação em Paul Ricoeur**. Lisboa, Instituto Piaget, 2002.
- CONILL SANCHO, Jesús. **Ética hermenêutica: crítica desde la facticidad**. Madrid: Editorial Tecnos, 2010.
- DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Trad.: Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2017.
- FRICKE, Christel. **Esquematizar sem conceitos: a teoria kantiana da reflexão estética**. Tradução de Pedro Paulo Pimenta Cadernos de Filosofia Alemã 7, P. 5-14, 2001.
- HENRIQUES, Fernanda. **Paul Ricoeur leitor e herdeiro de Kant**. Revista Portuguesa de Filosofia, Vol 61, Fasc. 2, 2005, p. 593-607.
- \_\_\_\_\_. **O papel de Kant na intertextualidade de Paul Ricoeur: dois exemplos**. Texto publicado nas Atas do Colóquio Internacional em Homenagem a Kant. Universidade de Lisboa/Universidade de Évora, 2006.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. 2. ed. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Tradução do original alemão intitulado Kritik Der Reinen Vernunft baseada na edição crítica de Raymund Schmidt, confrontada

---

29 Importante referir que o jogo já foi tratado como modelo estruturante da hermenêutica filosófica de Gadamer. Entre nós, Rohden, L. (2002), em obra dedicada especificamente à hermenêutica filosófica, trata do que denominou de “modelos estruturais da experiência hermenêutica”, indicando como tais o jogo e o círculo hermenêutico. Ao justificar o emprego de jogo como método, irá dizer que embora o jogo tenha sido utilizado por Wittgenstein e Gadamer, as reflexões sobre a sua utilização são um tanto escassas. Acerca do jogo, adverte Rohden, L. (2002, p. 114) que “o jogo como metodologia da hermenêutica filosófica extrapola a concepção de método – como instrumento das ciências naturais. Daí por que resgataremos, inicialmente, os traços antropológico-culturais, a fim de mostrar a origem e o sentido do jogo na vida humana em função da e como filosofia.”

com a edição da Academia de Berlim e com a edição de Ernst Cassirer. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MAKKREEL, Rudolf A. **Imagination and interpretation in Kant: the hermeneutical import of the Critique of judgment**. Chicago: Chicago Press, 1994.

MAKKREEL, Rudolf A. **Orientation and judgment in hermeneutics**. Chicago: Chicago Press, 2015.

MENDONÇA, Margarida Maria Seabra Prado. **O direito na arquitetura da razão pura: uma tentativa de fundamentação**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. António M. Magalhães. Portugal, RÈS Editora, 1983.

\_\_\_\_\_. **La métaphore vive**. Paris, Éditions du Seuil, 1975.

\_\_\_\_\_. **Le conflit des interprétations**. Paris, Seuil, 1969.

\_\_\_\_\_. **Arts, langage et herméneutique esthétique**. Entrevista com Paul Ricoeur, realizada por Jean-Marie Brohm e Magali Uhl. Disponível em: <<http://www.philagora.net/philo-fac/ricoeur.php>>. Acesso em: 10 de Set. 2017.

\_\_\_\_\_. **“Kant et Husserl”**, in *A l'école de la phénoménologie*. Paris, Vrin, 1986, pp. 227-250.

\_\_\_\_\_. **Cinco Lições: Da Linguagem à Imagem**. Trad.: Vinicius Oliveira Sanfelice. Sapere Aude - Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 13-36, dez. 2013. ISSN 2177-6342. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6426>>. Acesso em: 27 Set. 2017.

REALE, Miguel. **Filosofia do Direito**. 20. ed. São Paulo, Saraiva, 2002.

ROHDEN, Valerio. **A função transcendental do Gemüt na Crítica da razão pura**. Kriterion, Belo Horizonte, v. 50, n. 119, p. 7-22, jun. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2009000100001>>. Acesso em: 23 set. 2017.

ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica: entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2002.

SCHMIDT, Dennis J. **On German and other Greeks: tragedy and ethical life**. Indianapolis: Indiana University Press, 2001.

TAYLOR, George H. **Ricoeur's Philosophy of Imagination**. Journal of French Philosophy, Volume 16, Numbers 1 and 2, Spring-Fall, 2006.

Recebido em: 05/08/2018.

Aprovado em: 19/03/2019.